

CENTRO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR REINALDO RAMOS – CESREI  
FACULDADE REINALDO RAMOS – FARR  
BACHARELADO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL  
HABILITAÇÃO EM PUBLICIDADE E PROPAGANDA

VALDIR FERREIRA RIBEIRO

O DIABO À ESPREITA: A RECEPÇÃO DE O *EXORCISTA* EM  
CAMPINA GRANDE (PB)

Campina Grande-PB

2017

VALDIR FERREIRA RIBEIRO

**O DIABO À ESPREITA: A RECEPÇÃO DE O EXORCISTA EM  
CAMPINA GRANDE (PB)**

Trabalho monográfico apresentado à  
Coordenação do Curso de  
Publicidade e Propaganda da  
Faculdade Reinaldo Ramos - FARR  
como requisito parcial para a  
obtenção do grau de Bacharel em  
Comunicação Social com Habilitação  
em Publicidade e Propaganda.

Orientador: Prof. Msc. Fábio Ronaldo da Silva.

Campina Grande-PB

2017

Faculdade Cesrei  
 Biblioteca "Min. Gomes de Moraes Reinaldo"  
 Reg. Bibliogr: M000 430  
 Compra: ☐ Preço: \_\_\_\_\_  
 Doação: ☒ Doador: \_\_\_\_\_  
 Ex.: \_\_\_\_\_ Obs.: \_\_\_\_\_  
 Data: 07/07/2017

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA DA CESREI

R484d

Ribeiro, Valdir Ferreira.

O diabo à espreita: a recepção de o exorcista em Campina Grande (PB) / Valdir Ferreira Ribeiro. – Campina Grande, 2017.  
 53 f. : il, color.

Monografia (Bacharelado em Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda) – Faculdade Reinaldo Ramos-FAAR, Centro de Educação Superior Reinaldo Ramos-CESREI, 2017.

"Orientação: Prof. Me. Fábio Ronaldo da Silva".

1. Publicidade. 2. Cinema. I. Silva, Fábio Ronaldo da Silva. II. Título.

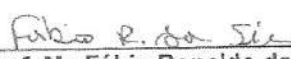
CDU 659.1(043)

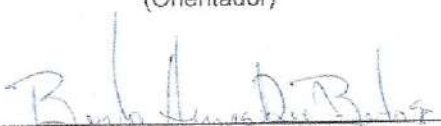
VALDIR FERREIRA RIBEIRO

O DIABO A ESPREITA: A RECEPÇÃO DE O EXORCISTA EM, CAMPINA  
GRANDE (PB)

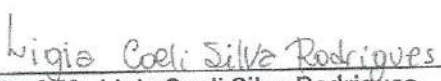
Aprovado em: 06 de junho de 2017.

BANCA EXAMINADORA

  
Prof. Ms Fábio Ronaldo da Silva  
(Orientador)

  
Prof. Bernardo Hennys Diniz Barbosa  
(1º Examinador)

  
Prof. Esp Lênio Assis de Barros  
(2º Examinador)

  
Prof. Ms Ligia Coeli Silva Rodrigues  
(3º Examinadora)



Para os meus pais.

## AGRADECIMENTOS

Em 4 anos de faculdade, o que foi apreendido, foi tão forte e tão intenso, que tenho certeza que foram momentos que não sairão da minha cabeça. Pude desenvolver-me como pessoa, aprender a conviver com pessoas que me ajudaram durante essa rotina diária de estudos, risadas e coisas singelas capturadas pelo momento.

Primeiramente, quero agradecer a Deus, peça fundamental em minha vida. Segundamente aos meus heróis, meus pais, que sempre estiveram comigo durante todo o meu percurso de vida acadêmica, me instigando, me mostrando novos caminhos pelos quais eu deveria seguir da melhor forma, todo o meu esforço, vai para eles.

Em especial aos meus amigos que caminham comigo; Jessica Lucy, Matheus Peleteiro, Ana Beatriz, Tereza Gabriela, Roberto Diniz, Jorge Beja, Gabriel Ramos, Nathan Fernandes, Vinicius Miranda, Sofia Isbelo.

Agradeço ao meu querido professor Fábio Ronaldo, que além de um professor, é um verdadeiro amigo. Sua simplicidade, ajuda e carinho para com todos nós sempre foi o que cativou em mim. Muito obrigado, Fábio. Saiba que todo esse esforço é parte vinda do senhor, também. Ser humano incrível mesmo.

E por fim, ao meu querido velhinho que mora lá no céu, meu avozinho, como eu queria que estivesses aqui, nesse momento em que sei no quão orgulhoso o senhor está, mesmo longe, mas, em meu coração todos os dias. Herói da família, meu melhor amigo para todo o sempre.

“Tudo o que vemos ou parecemos  
Não passa de um sonho dentro de um sonho”.  
*Edgar Allan Poe*

## RESUMO

Neste trabalho analisamos a recepção do filme *O Exorcista* (The Exorcist, 1973) dirigido por William Friedkin e que relata a possessão demoníaca de uma garota de 12 anos e a única solução seria a ajuda de dois padres, para a expulsão do Diabo. Na cidade de Campina Grande (PB) o filme foi exibido no ano de 1975, e obteve um grande sucesso, assim como em todo o Brasil. Entrevistas e pesquisas, através do método qualitativo e exploratório foram usadas, para a partir destes, seguirmos com nosso objetivo, no qual foi ver a reação das pessoas que assistiram o filme, além de sabermos quais estratégias de marketing foram utilizadas para gerar o desejo nas pessoas de irem ao cinema e serem tragadas para um mundo do bem e do mal. Através do nosso acesso à reportagens, fomos além, e trouxemos o ápice de uma matéria, sua qualidade trabalhada na publicidade de cada meio usado para atingir, de modo preciso, o seu público, os cinéfilos e apreciadores de filmes.

**Palavras-chave:** Cinema. Publicidade. Pesquisa. Documentos.



## ABSTRACT

In the present work, the deepest of the human sense, the fear, was worked. In it, we analyzed the reception of the film *The Exorcist*, film released in 1973 with direction of William Friedkin. The film reports the demonic possession of a 12-year-old girl and the only solution would be the help of two priests for the expulsion of the devil. Campina Grande exhibits the film in 1975, and achieved great success, as well as all over Brazil. Interviews and research, through the qualitative and exploratory method were used, from these, to follow our goal, which was the reaction of the people who watched the film, in addition to knowing what advertisings were used to take them to the movies and to be swallowed up for a world of good and evil. Through our access to reporting, we went beyond, and brought the summit of a story, its quality worked in the publicity of each media used, to accurately reach your audience, movie lovers.

**Keywords:** Cinema. Advertising. Search. Documents



|                                                                |           |
|----------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>                                        | <b>10</b> |
| <b>CAPÍTULO I - O PODEROSO CINEMA.....</b>                     | <b>13</b> |
| 1.1. ENTRETENIMENTO E GÊNERO TERROR.....                       | 18        |
| 1.2. A CAMINHO DOS ANOS 70, MAS, AINDA NOS ANOS 60.....        | 20        |
| <b>CAPÍTULO II - MEU AMIGO, O EXORCISTA .....</b>              | <b>23</b> |
| 2.1. A HISTÓRIA POR TRÁS DA FICÇÃO.....                        | 30        |
| 2.2. O DEMÔNIO CHEGOU.....                                     | 31        |
| 2.3. CONVERSAS DIABÓLICAS COM OS POSSUÍDOS .....               | 35        |
| <b>CAPÍTULO III - QUANDO A VERACIDADE FALA MAIS ALTO .....</b> | <b>37</b> |
| 3.1. FALANDO COM OS SOBREVIVENTES .....                        | 39        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>                              | <b>46</b> |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>                                       | <b>49</b> |

## INTRODUÇÃO

A década de 1970 no Ocidente foi marcada por grandes acontecimentos, revoluções e mudanças que marcariam gerações. Foi nesta década, por exemplo, que os EUA perdem a guerra no Vietnã, ocorre o golpe militar no Chile, o general Ernest Geisel assume a presidência do Brasil, Elvis Presley morre e a banda Beatles acaba. Paralelo a tudo isso, um filme faria uma grande revolução no cinema, não por discutir questões políticas, econômicas ou sociais, mas por expor o medo de uma forma que, até então, as pessoas não tinham visto ou sentido, se tornando história. E será parte dessa história que buscaremos contar aqui ao analisar o filme *O Exorcista* (*The Exorcist*, 1973) dirigido por William Friedkin, sendo este uma adaptação de uma obra literária homônima.

No texto aqui apresentado, buscamos unir dois assuntos muito importantes da área da comunicação, isto é, o cinema e a publicidade como um conjunto, além de podermos observar uma mudança de um tempo para o outro, décadas se passaram, mas, a dádiva de estudar o passado e suas memórias, foram os principais objetivos desse projeto. A partir de um gosto pessoal pelo cinema, utilizamos um filme que foi marcado por fotografia grotesca, linguagem assustadora e cenas inesquecíveis. *O Exorcista* marcou uma geração, narrativa e efeitos poderosos que, mesmo 40 anos depois, muitos cineastas o tomam como referência para produzirem seus filmes. A pesquisa aqui apresentada caracteriza-se como bibliográfica, pois nos apropriamos de pesquisas produzidas por diferentes autores sobre cinema, marketing e publicidade, sendo também documental, pois recorremos também aos arquivos jornalísticos da *Folha de São Paulo*, *Diário de Pernambuco* dentre outros no intuito de perceber a recepção e a repercussão do *Exorcista* no país.

É importante dizer que, mesmo essas notícias sendo publicadas nesses e em outros periódicos, além de outros veículos comunicacionais, elas serviam também como uma estratégia de publicitar, divulgar a existência do filme e isso, de forma indireta, contribuía para criar o desejo, a necessidade de ver um filme tão badalado. Por fim, a pesquisa também é descritiva, sendo realizado um estudo de caso sobre a recepção de *O Exorcista* no Brasil e em Campina Grande.



Realizamos ainda entrevistas aplicadas através de uma amostragem de três entrevistados de diferentes áreas que assistiram *O Exorcista* no ano de 1975, no cinema Capitólio. Esta é realizada através de um questionário semiestruturado com perguntas sobre as formas de divulgação publicitárias daquela época e sobre as memórias dos entrevistados Guilherme Ferreira, Rômulo Azevedo e Gilton Nascimento acerca do filme. A natureza da pesquisa aqui apresentada pode ser definida como qualitativa e exploratória.

Percebemos que, através de vídeos, conversas entre amigos, familiares e notícias na internet, como um filme pode gerar tamanha balbúrdia no tempo em que estreou no mundo. Relatos de pessoas desmaiando, vomitando, gritando histericamente dentro do cinema, nos levou a ver o quão uma publicidade e um bom marketing utilizados fizeram de *O Exorcista*, o clássico do terror mais aclamado de todos os tempos.

Concluimos que, o cinema com toda sua riqueza, apodera-se de um método instigante e ao mesmo tempo desbravador. Tão importante para a formação do que podemos dizer hoje, ícone do audiovisual e ponderador de métodos tão inovadores que há tanto tempo já nos assustava com sua grandeza e sua sofisticação em transformar uma simples história em algo tão importante, tanto para a história do cinema, quanto para o interesse de cinéfilos e acadêmicos que futuramente, sentiriam-se exacerbados e veementemente beliscados pelo fato de quererem estudar também uma parte do cinema, seja ela qual fosse, que produzisse um conteúdo tão bacana que deixasse como grandes produções cinematográficas, todos de queixo caído. "Afastese, a porca é minha! Disse – Regan MacNeil". Frase épica do filme que, até hoje, nos deixa com frio na espinha.

Ao abordarmos tantos feitos, como este em si, o cinema, percebemos que, sim, continua sendo uma das maiores fontes a serem estudadas e percebemos que, nela, existe não só o fato de termos filmes, mas, histórias que, de um jeito ou de outro, nos tocam, nos rodeiam e nos percorrem para o resto de nossas vidas.

É provável que, de certa forma, a curiosidade seja um dos principais fatores para darmos início, não apenas à história do cinema, mas, uma parte dela, um filme, que terá aqui, sua principal base para desenvolvermos o que chamamos de marketing do cinema.

O *Exorcista*, 1973, do diretor William Friedkin, quebrou parâmetros<sup>1</sup> em todo o mundo no ano em que foi lançado. Um dos filmes controversos já feitos na história do cinema, despertaria os nossos mais assustadores instintos, por aí, tornar-se-ia plausivelmente, um feito histórico do cinema, um filme, uma produção, portanto, misteriosa. Até então naquela época, pessoas achavam interessante e bonito como tudo aquilo era possível. Mas, em 1973, tudo mudou, quando realmente o gênero terror veio despertar o medo, o choque e o que já adiantamos anteriormente, a curiosidade.

Diante de todo o método, o trabalho a seguir tratará de revisitar o passado e saber como as pessoas reagiram ao mais aclamado filme de terror dos anos 70. Essa, e outras perguntas foram deixadas pra trás, mas algo as atraiu para verem o que era tão falado e tão assustador, apresentamos-lhes:

A publicidade, que surgira em meio a todo esse rebu, como um belo marketing para transformar o jeito como as pessoas ficariam ao ver tamanha produção. Queridos leitores, buscaremos aqui analisar como as pessoas sabiam sobre os filmes que eram lançados na época, mas, focaremos nessa obra de arte, que é *O Exorcista*, através de quais mídias, sejam elas: rádio, jornal, revistas e folhetins ou o boca a boca.

Para descobrir esse mistério podemos, juntos, desbravar essa pesquisa, e descobriremos como poderemos saber o que as pessoas daquela época faziam para receber tais informações e como eram atingidas pela publicidade no cinema. Convido-lhes a entrar no mundo mágico do cinema e da publicidade. Vamos lá?

---

<sup>1</sup> O *Exorcista* quebra parâmetros por ter sido e ainda ser, um dos filmes mais bem produzidos de terror, aliás, o longo que deu início de fato ao nome terror, com uma história de mistério, imagens chocantes e um roteiro de deixar o queixo no chão.



## CAPÍTULO I - O PODEROSO CINEMA

"Vamos começar"  
Lankester Merrin

Em um dia comum na vida da sociedade, surge algo inesperado que transformaria o jeito de pensar, comer e até viver de muitas pessoas, assim pode-se dizer. No final do século XIX, mais precisamente em 1895, na França, surge o cinema, criado pelos irmãos Louis e Auguste Lumière. No entanto, a fotografia já tinha sido inventada, a conquista dos irmãos seria como que por essas imagens paradas se movimentarem, e a partir desse conceito incrível e fascinante o quão maravilhoso é a invenção da indústria cinematográfica, e por isso, eles queriam desbravar ainda mais o que de tão mágico e diferente seria, esse cinema. No decorrer da nossa pesquisa vamos ver que não só os irmãos Lumière foram os precursores, mas, outras figuras significativas para a construção do cinema foram simbólicas e imprescindíveis para o cinema ser o que ele é hoje em dia.

É sabido que a sociedade vem de muitos tempos sempre criando, recriando e visando tentar algo novo a cada dia, com isso, podemos ter o orgulho de apresentar uma das maravilhas criada pelo homem, aliás, pelos homens, os irmãos Lumière. Na França, surgira de fato, o cinema, uma das grandes novidades do mundo moderno que mudaria completamente o comportamento humano. A partir de então passaríamos a viver coisas que não existiam no nosso dia a dia, por exemplo; como após a chegada do cinema, as perspectivas do ser humano sobre determinados assuntos e coisas mudaram, com certeza, o jeito do olhar do outro, como discussões sobre coisas que a sétima arte omite, mas, ao mesmo tempo, mostra de uma forma sutil ou não, a verdade através de histórias que apesar de serem fictícias, são bem reais.

Podemos ver que é por esse tipo de comunicação que, hoje em dia, tudo se interliga. O cinema está praticamente em tudo que olhamos. Nossa vida mesmo é um filme aleatório, tantas coisas acontecem ao mesmo tempo, ao olharmos para propagandas, comerciais, tudo foi pensado como em qualquer roteiro cinematográfico, mesmo que não saibamos, mas, estamos sim, dentro de uma bolha onde tudo o que fazamos será um eterno filme. Vamos observar esse meio de uma maneira mais sólida e diferente ao levarmos ao âmbito da



publicidade que, na verdade, constitui o motivo de estarmos debatendo essa invenção, podemos assim dizer. Percorrendo vários fatores que possam nos explicar como a comunicação entende-se por agregar fatores que delimitam o cinema como um fator científico.

De acordo com Barros (2007), a decisão de trabalhar a comunicação no âmbito da contemporaneidade nos remete a questões epistemológicas do fazer científico. O autor coloca como parâmetro fundamental da pesquisa em comunicação a questão do tempo, no caso, o tempo presente. Também evidencia a natureza dinâmica de nosso objeto de estudo, que tem em sua constante mutação um elemento essencial de sua existência e se apresenta como grande desafio aos que se dispõem estudá-lo. Ainda, desafia a repensar a relação entre sujeito e objeto de pesquisa, que no contexto da contemporaneidade ganha contornos ainda mais complexos.

Ainda segundo o autor, existe toda uma fundamentação para o surgimento das várias comunicações. Ela, a comunicação, é um departamento mútuo de mutações que, todos os dias, podemos idealizar o quão diferente ela vai estar, é tão incrível percebermos que é tão rica a pluralidade que a comunicação nos leva, principalmente, quando estamos a pé de sabermos que o cinema, é à imagem em movimento, feito na França. A história do cinema possui vários segredos e importantes personagens, alguns deles serão destacados para compreendermos a chegada e as mudanças que ele trouxe consigo. Uma figura muito importante em nossos ditos é sem dúvida George Méliès<sup>2</sup>.

Segundo Gomes (2015), a importância de Méliès não poderia ser maior, pois foi ele o criador do espetáculo cinematográfico. Seria razoável escolher uma de suas obras realizadas no fim do século passado e datar daí o nascimento do cinema, pois é preciso saber, qual seu primeiro trabalho, para que surgisse uma base fundamental do mundo da arte, o que foi de fato, uma luneta no olho da lua, trabalho esse, ovacionado e considerado como o nascimento da imagem em movimento. Com isso, os Lumière não perderiam sua importância, apenas ficariam situados na última etapa da pré-história do cinema. A contribuição dos célebres irmãos foi de um aparelho mecânico cuja

---

<sup>2</sup> Georges Méliès foi um ilusionista francês e diretor de cinema famoso por liderar muitos desenvolvimentos técnicos e narrativos nos primeiros dias do cinema.

invenção se processava simultaneamente em diferentes pontos da Europa e dos Estados Unidos, decorrente de uma interminável série de estudos e pesquisas sobre a análise, síntese e registro do movimento que as fotos tiradas para criar ilusão, dando assim, o preciso movimento para ser considerado, fotos em movimento.

Ao observarmos que o cinema é vasto de ser estudado e analisado, descobriremos que a sétima arte, entretanto, é uma maravilhosa descoberta de interessantes pontos de vista. Para começar, surgiu a muitos tempos atrás o que apenas alguns passos a mais começaria a ser inventada uma cadeia desenfreada de criações através do que os Lumière já haveria inventado, todavia muitas coisas estariam na ponta do iceberg, para se tornar o que hoje é de fato reconhecido, por exemplo; gêneros que veremos a seguir.

Os Lumière significaram um brilhante ponto de chegada. Articulam-se harmonicamente a todas as experiências anteriores à fabricação de sua câmera, mas não existe relação entre suas atividades e o cinema como indústria e arte. Respectivamente, é clara a inadequação dos Lumière para o cinema. (GOMES, 2015, p.31)

A história claramente mostra-nos que os irmãos Lumière não podiam ter um elevado papel na criação originalmente do mundo cinematográfico, pois esse mundo já era, de certa forma, industrial e burguês. O que é percebido também no contexto é que os Lumière não estariam a par de contribuir grandemente para a indústria, apesar de possuírem sem dúvida, um olho fotográfico, eles que desenvolveram todo o aspecto inicial de tomar conhecimento o cinema, através das diversas fotos que os mesmos tiravam, perceberam que esses instantâneos poderiam se movimentar. Um trunfo no descobrimento.

A partir do conhecimento do surgimento do cinema, levamos agora um caminho fotográfico como parte para nossas próximas discussões. Temos o olho do cinema contemporâneo com novos conceitos, mas, que foram inspirados na época dos irmãos Lumière sim. Pois, sem a base, nada poderia ter sido feito, ou poderia? Um cinema diferente, que tende-se a dizer que é um grande desafio para os pesquisadores de hoje em dia, mas, vamos descobrir como tudo realmente se encaixa e o que ainda há de vir para descobrirmos muito mais coisas sobre a sétima arte.



Segundo Costa (2013), durante muito tempo o cinema dos primeiros 20 anos do século XX foi considerado de pouco interesse para a história do cinema, como apenas um conjunto de tentativas de chegar a uma forma de narrativa intrínseca ao meio, que se estabeleceria depois. Nesse período, por estar misturado a outras formas de cultura, como teatro, a lanterna mágica<sup>3</sup>, o *vaudeville*<sup>4</sup> e as atrações de feira, o cinema se encontraria num estágio preliminar de linguagens.

Com a mudança clara do cinema, durante os anos, é recorrente pensarmos que, os filmes vinham com uma carga de padronização às telas, pois a partir do cotidiano que surgia as histórias e roteirizações da vida real para a fictícia. A simples chegada de um trem à estação foi o motivo de levar o mundo a conhecer a indústria cinematográfica, a partir daí, começaram a existir várias técnicas de se fazer um filme. Umas mais reais, tirando o fato de ser ficção, o telespectador percebia claramente que, existia tal fato quando a história poderia ser contada de forma mais verdadeira e tocante. Não mais teatral e tão petrificada.

Ao longo dos anos, a forma de se fazer cinema foi mudando, até mesmo a indústria, que começaria a comparar gêneros de todas as formas, com uma clarividência e maior identificação, buscando sempre se atualizar, ao gosto de quem assistia tais obras, quem seria? Isso mesmo, nós. Poderíamos ver que, felizmente algo de interessante estava surgindo mais e mais.

Sabemos que o cinema passa por muitos estudos históricos, nos levando ao período que as novidades estariam surgindo de forma rápida e muito gratificante para as novas descobertas da sétima arte.

Como nos lembra Costa (2013), o período do primeiro cinema pode ser dividido em duas fases. A primeira corresponde ao domínio do "cinema de atrações" e vai dos primórdios até 1906-1907, quando se inicia a expansão dos

<sup>3</sup> A lanterna mágica é o antecessor dos aparelhos de projeção moderno. Foi inventado no século XVII, a primeira descrição deve-se ao sacerdote jesuíta Athanasius Kircher na sua obra *Ars Magna Lucis et Umbrae* de 1645<sup>[1]</sup> ainda que foi o dinamarquês Thomas Walgenstein o primeiro a lhe dar o nome de lanterna mágica

<sup>4</sup> Vaudeville foi um gênero de entretenimento de variedades predominante nos Estados Unidos e Canadá do início dos anos 1880 ao início dos anos 1930. Desenvolvendo-se a partir de muitas fontes, incluindo salas de concerto, apresentações de cantores populares, "circos de horror", museus baratos e literatura burlesca, o vaudeville tornou-se um dos mais populares tipos de empreendimento dos Estados Unidos.



*nickelodeons*<sup>5</sup> e o aumento da demanda por filmes de ficção. A segunda vai de 1906 até 1913-1915 e é o que se chama de "período de transição", pois os filmes passam gradualmente a se estruturar como um quebra-cabeça narrativo, que o espectador tem de montar baseado em convenções exclusivamente cinematográficas. É o período em que a atividade se organiza em moldes industriais. Há interseções e sobreposições entre o cinema de atrações e o período de transição, uma vez que as transformações ocorridas não eram homogêneas nem abruptas.

O cinema atravessa cada vez mais, portas que nenhuma outra arte conseguiria. São tempos de deixar o público escolher a história que eles querem viver e adentrar em suas próprias idas de modo ou qual, haja uma teoria que possam ver através de suas próprias percepções [...]. (HITCHCOCK, 2011, p.92)

O cinema iria mudar, de fato, a perspectiva do que já era produzido. O novo, iria ser visto com outros olhos, e a sociedade iria compreender que algo de grandioso estaria por vir. É um salto para desvendarmos o que estamos a pesquisar. Essa análise explica que os filmes já estão a obter uma narrativa que formaria opiniões e seria um método de criar as críticas e respostas que poderiam servir em um futuro próximo. A sociedade passaria a ver uma grande demonstração de que sim, tudo se encaixa e vão haver perguntas sobre tudo, como é feito, onde e porquê? Um dos filmes do século XX transformaria todo o conceito do cinema, mostrando-se capaz de fazer tudo, inclusive mostrar que, o cinema é uma obra de arte imensa, grandiosa e linda de se observar, mas que também pode provocar o medo.

---

<sup>5</sup> Os Nickelodeons (do Inglês estadunidense: *nickel* = moeda de 5¢, Grego: *Odeion* = teatro coberto) constituíram um tipo de primitivas e pequenas salas de cinema do início do século XX. Em locais onde a concorrência fosse maior, era frequente dispor de um piano ou de um órgão, onde se tocava a música que o pianista ou organista julgasse apropriada para cada cena (por exemplo, ragtime clássico numa cena de perseguição, ou o que na altura era conhecido como música "Eliza-crossing-the-ice" durante os momentos mais assustadores).

### 1.1. ENTRETENIMENTO E GÊNERO TERROR

Caro leitor, veja que, gêneros são diferentes em todos os sentidos. Nesse ponto, iremos tratar de como o cinema desenvolveu o gênero terror. Primeiro de tudo, voltemos à literatura, foi ela que começou a usar padrões do gênero terror. A literatura contribui e ainda contribui muito para a indústria cinematográfica. Tudo começa quando Bram Stoker, autor do romance *Drácula*, publica a história do vampiro mais assustador de todos os tempos. Autores como Edgar Allan Poe e Mary Shelley já desenvolviam seus romances em meados dos anos 1800. Com a literatura em alta, e com o passar dos anos, surge o cinema, como já citamos anteriormente.

Na Alemanha encontraremos a primeira obra que daria à indústria cinematográfica o primeiro filme, considerado, terror. *O gabinete do doutor Caligari*, produção de 1920 do diretor Robert Wiene. Sim, em sua exibição, os frequentadores de cinema agora estariam frente a frente com o medo real, não mais em sua imaginação, como acontece com a literatura, agora, estava ali, na sua frente o medo da morte, do horror, do diferente, do estranho e do sentimento de terror. Mas, o que era desenvolvido justamente nesse filme em específico, seria mostrar o diferente, a aberração, o que poderia causar um certo desconforto em quem estivesse prestigiando tal sessão. Com o passar dos anos, outras produções foram surgindo e, assim, não mais na Alemanha, os Estados Unidos resolvem criar dentro dos estúdios de Hollywood filmes como *Drácula*<sup>6</sup> e *Frankenstein*<sup>7</sup>. Nessas películas em particular, vemos o medo mais teatral e de expressão como o suspense, que também não deixa de causar aquele velho desconforto a quem assiste.

Ainda andando um pouco mais, vamos trilhando outros obstáculos de descobertas e qualidades originais em produções, é o que acontece em 1968, quando o consagrado diretor Roman Polanski, ao ler um livro chamado *O Bebê de Rosemary*, do autor Ira Levin, resolve transformar um romance literário em uma trama cinematográfica que ficaria conhecida como a primeira história que traria o mal para a realidade da sociedade. O filme trata, de forma sutil e majestosa, a vida de um casal e a espera de um bebê, mas, coisas incomuns

<sup>6</sup> Lançado no ano de 1931, do diretor Tod Browning.

<sup>7</sup> Lançado no ano de 1931, do diretor James Whale.



surgem, e cabe ao telespectador sentir o medo o qual todos temem, agora o medo é real e está na cidade, ao seu lado, perto e possui chifres e uma calda pontuda e viscosa.

O cinema realmente dá um grande salto no que se refere à criação e criatividade de produção. Os cineastas tiravam suas referências do que um dia foi considerado o terror de fato nas telas do cinema. A partir de boas atuações e bons roteiros, os filmes foram crescendo cada vez mais e tomando espaço na indústria cinematográfica. Com o passar das décadas, o medo teria que ser real, aliás, mais real ainda, o que seria causar um desmaio em um ser humano que simplesmente queria se divertir assistindo uma mera história em uma sala confortável, com pipoca, um gostoso refrigerante e amigos ao seu redor em uma noite de sexta ou sábado. Sim, desmaio, vômito, ambulâncias, estou confuso? Consegues me compreender? Bem, trarei as mais sucintas e detalhadas explicações mais adiante. Mas, garanto-lhe, meu querido leitor, sim, isso existiu e ainda é pauta para vários artigos, documentários e um assunto curioso de se tratar. Olhe bem, deve está se perguntando, como poderia isso acontecer? Estamos falando de um filme, sim, um filme. A sétima arte é entretenimento, porém, o cinema queria realmente desafiar o que todos já estavam cansados de ver.

Na década de 1970, produções de terror eram consideradas como filmes com sangue e desconforto audiovisual. Exemplos: em 1971, surge um filme do diretor de terror/suspense Wes Craven. Suas produções são consideradas por muitos como terror *gore*<sup>8</sup>. A partir daí surgiu *A Última Casa à Esquerda*, filme de baixo orçamento que levaria pessoas a desmaiarem nas salas, é até engraçado que o próprio trailer alerta aos que forem assistir o filme que evitem desmaiar, é apenas um filme. Engraçado vermos o quanto as produções artificiais poderiam deixar telespectadores perturbados dessa maneira. Mas, o que ninguém imaginaria é que mais à frente, um romance publicado na mesma época do filme de Craven, cairia como uma luva na indústria cinematográfica.

Sim, a quem ler esse texto, digo uma coisa, no ano de 1973, em uma data muito incomum para o lançamento de um filme, aliás, não apenas de

---

<sup>8</sup> *Gore* ou *Spatter* é um subgênero cinematográfico dos filmes de horror, que é caracterizado pela presença de cenas extremamente violentas, com muito sangue, vísceras e restos mortais de humanos ou animais.



qualquer filme, estamos falando do dia 26 de dezembro de 1973 nos cinemas dos Estados Unidos, surgira uma das mais comentadas e assustadoras histórias do gênero terror de todos os tempos. *O Exorcista* de William Friedkin. Essa produção levaria pessoas ao chão, literalmente. Não é comum vermos isso acontecer, apesar de que agora, não estamos lidando com qualquer produção de expressão ou um ar sombrio através do mundo real, agora, a coisa fica séria, quando colocamos uma criança de 12 anos na jogada. Sim, uma criança, inocente e delicada, que de repente passaríamos a escutar blasfêmias de sua linda voz, ou não, seu comportamento assustador e aterrador. Estaríamos lidando com o nosso medo mais profundo, a morte, e/ou o sobrenatural.

*O Exorcista* quebraria recordes assustadores de exibição e de bilheteria, sendo um dos filmes mais comentados na década de 1970. Nem um filme conseguia chegar ao seu poder grandioso de originalidade e aberração. Estaríamos diante, agora não só de um filme de terror, mas de uma das maiores produções cinematográficas de todos os tempos. Apresentar-lhe-eis como seu sucesso chegaria tão longe com uma abundância e veemência absurda de qualidade. Nada se compara ao *Exorcista*, tanto seu romance publicado em 1971 viraria um *best-seller* após a estreia do filme, como até hoje no século XXI, é considerado também um dos romances mais bem escritos de todos os tempos, sutil, um colírio para os olhos de leitores e apaixonados pela cultura popular.

## 1.2. A CAMINHO DOS ANOS 70, MAS, AINDA NOS ANOS 60

Estaríamos entrando nesse momento nos anos 70 para absorver mais do que estamos propondo aqui neste trabalho. Mas, vamos com calma, vamos retroceder um pouco e voltar para os anos 60, onde existe o porquê pelo qual *O Exorcista* gerou um imenso impacto na sociedade. Houve vários conflitos nos anos 60 que acabaram levando muito do fictício para o real. Ressaltamos aqui que foi um período bem contundente para a época. Por exemplo, desde o finalzinho dos anos 60, nosso mundo estava enfrentando uma guerra fria, mas que havia grande chances de se tornar bélica, e uma grande massa de assassinatos tomavam conta das notícias. Além do ocorrido, assassinatos de



personalidades conhecidas estavam prestes a ser jogados na cara da sociedade, a exemplo do homicídio de Martin Luther King e Bobby Kennedy.

Não é à toa que essas mortes e o que estava acontecendo com o mundo deixava os cidadãos curiosos e assustados, afinal, uma guerra, mortes e coisas mais macabras haviam de surgir um tempo depois. Foi também na década de 60 que surgira a gangue, podemos assim dizer, ou melhor, família de Charles Manson<sup>9</sup>. Bem, Manson era um sádico assassino que vivia em Ranchos na Califórnia, e era tido como o pai de muitos adolescentes rebeldes que fugiam de suas casas por algum motivo. Uma seita, sim, esse era o nome que dava para o bando que andava com ele. Algumas coisas começaram a ficar bem estranhas quando ainda no caso *The Manson Family*<sup>10</sup>, foi presenciado, naquele tempo, a morte de uma famosa atriz que era casada com um célebre diretor, inclusive, o mesmo que já mencionamos texto acima, Roman Polanski. Bem, a família de Manson, seguiu até sua casa em Hollywood Hills onde destroçaram todos os amigos e por tanto, Sharon Tate (esposa de Polanski e atriz famosa). O caso ficou conhecido em todo o mundo.

Parecia que o mundo estava agora diante desses fatos ocorridos, passado por um apocalipse. É, meu caro leitor, o sistema havia vencido e agora, as pessoas estavam tão estranhas e mudadas que começaram a se interessar pela oculto e o sobrenatural. O engraçado, amigos leitores, é que a coisa estava ficando bem assustadora e feia mesmo, literalmente. Até os mais famosos cantores e bandas de rock estariam se integrando ao ocultismo. Beatles, Led Zeppelin e David Bowie, estranho, hein?

Chegando nos anos 70, após passarmos por um período não muito feliz, estávamos prestes a nos deliciar, em 1971, com o lançamento do livro *O Exorcista*, do escritor, não muito conhecido, William Peter Blatty. Como os anos 60 foram considerados por muitos como uma época um tanto satânica, não haveria melhor romance para ser apresentado no início dos anos 70. Então, com o sucesso da obra, mais informações sobre o sobrenatural

<sup>9</sup> Charles Milles Manson, nascido Charles Milles Maddox (Cincinnati, 12 de novembro de 1934), é o fundador e líder de um grupo que cometeu vários assassinatos nos Estados Unidos no fim dos anos 1960, entre eles o da atriz Sharon Tate (na época, grávida de oito meses), esposa do diretor de cinema Roman Polanski. Condenado à morte em 1971, com a pena posteriormente transformada em prisão perpétua, cumpre pena até hoje na Penitenciária Estadual de Corcoran, na Califórnia.

<sup>10</sup> A Família Manson.



começaram a circular no mundo, até que, a Warner Brothers<sup>11</sup> resolveu adaptar a história criando um terror como nunca visto antes. Por muitos, como já fora comentado nesse mesmo texto, *O Exorcista*, cativou a atenção, não apenas da WB, mas, como de todo o mundo.

Portanto, deveras coincidências de que, o oculto e o sobrenatural haveriam de se tornar um marco para a sociedade, pessoas realmente começariam a acreditar, depois de tudo que elas passaram na década anterior, que, o mal realmente vive, e está dentro do corpo de uma criança de 12 anos de idade. Soa interessante como o que lemos aqui reflete claramente no que há de ser hoje, conhecidos não só por mim, mas, como por todos os cinéfilos e não cinéfilos, um dos clássicos do terror. E será sobre ele que discorreremos a seguir.

---

<sup>11</sup> A Warner Bros. Entertainment., também conhecida como Warner Bros. Pictures ou simplesmente Warner Bros. (ou, informalmente, Warner Brothers) é uma produtora e distribuidora estadunidense de filmes e entretenimento televisivo, e a maior produtora de filmes do mundo. Foi fundada em 4 de abril de 1923 pelos irmãos Warner.

## CAPÍTULO II - MEU AMIGO, O EXORCISTA

"Sabe o que ela fez, a vadia da sua filha?"  
Regan MacNeil/Pazuzu

Vamos discutir aqui uma base para que tudo isso seja concretizado, caro leitor, vejamos desde o começo que, ao recapitularmos a história do cinema, vimos grandes descobrimentos e achados veementemente interessantes, particularmente incríveis, observamos a evolução dos dois séculos presentes, e como futuramente trariam de um simples descobrimento, o maior assunto dos tempos de hoje. Mas, voltando à década de 70. Perguntarias, porque um salto tão grande entre séculos e décadas? Não estou entendendo. Calma, perceba que, a peça fundamental para o cinema ter sido criado, foi como certa quantidade de pessoas poderia observar o que há de tão interessante nisso tudo. Mas, o foco aqui, é a respeito de quem frequentava, ficava sabendo que teriam que ir assistir e prestigiar uma nova descoberta da indústria cinematográfica.

Mais tarde, descobriríamos uma fonte de comunicação bem maior e superior para anunciar o que quiséssemos, apresentamos-lhes a publicidade e a propaganda. A publicidade sem dúvida, é a fonte de comunicar o que havia de vir por aí. No ano de 1914, o jornalista e publicitário João Castaldi, em sociedade com o empresário Jocelyn Benaton, criava em São Paulo a Eclética, primeira agência de publicidade e propaganda do Brasil. Em vários municípios do país, anunciar em alto-falante por muitos anos era a forma mais corriqueira de se fazer propaganda e, em Campina Grande, não era diferente.

Com o aparecimento das novas mídias, como os jornais e os rádios, estes passaram a coroa do rei para anunciar o entretenimento da cidade, como toda cidade do interior, a publicidade era algo bem sutil e simples, mas, mais tarde, tornara-se algo grande e bem desenvolvido. As primeiras agências publicitárias da cidade em Campina nasceriam na década de 1960, sendo as primeiras MS Propaganda e a Organização Meneses de Publicidade.

Um ponto a ser indagado aqui, será como e quando tudo surge a partir da comunicação do entretenimento, o cinema, abordado, claro, para com a publicidade. Mas, de um modo diferente e quase implícito, temos como cinema



e publicidade, o marketing editorial, nas épocas, nos levará para outro conceito, por enquanto, mas, tudo vai ser explicado, mais à frente. Marketing é o conjunto de ferramentas que estuda e busca entender as necessidades e desejos dos consumidores, criando produtos que as pessoas queiram adquirir, sendo assim no nosso contexto estudado, o cinema, o desejo em si, de ir assistir a um filme. Poderia ser apresentado em filmes como que, parte dele, tratando aqui, no caso como, um merchandising<sup>12</sup> dentro do próprio filme. A explicação seria, além de um produto vender muito na época, inclusive, no filme abordado para essa pesquisa, traria de forma implícita a venda dessa marca para os telespectadores que não estavam a par e não tinham muito conhecimento sobre, pensando claramente que, estariam ali para assistir apenas a um filme que já estavam acostumados a assistir e que estariam vivendo em outro mundo, mas, não. Era apenas um telespectador dentro da história e dentro da vida real.

Por exemplo, uma marca x aparece despretensiosamente no filme. Despretensiosamente, será? Não, os diretores como as produtoras poriam a marca para observarmos que, como o cinema mudou, não é apenas mais uma fonte de entretenimento, é uma "venda casada", você compra, assiste, e volta ao ciclo novamente, compra. Sem querer, estaríamos sendo tragados para o conhecido, quando na verdade, nossa verdadeira intenção seria comprar mais e mais. Mas, essa era apenas uma forma da publicidade se manifestar.

Outro ponto da publicidade é como venderíamos esses produtos, agora sim, o filme. Em 1970, em vários países, novas tecnologias estavam sendo inventadas cada dia mais, os filmes exibidos eram dialéticos e possuíam uma história boa de observar na grande tela. Só que, não só haveria uma mudança no meio publicitário como era visto que teríamos. Como eram distribuídos esses filmes? Por quê? Pra quem? Qual era a mídia utilizada? Sim, saberíamos, mas, como de costume, vamos recapitular a história da publicidade e cinema. Além de serem vistas dentro do próprio filme, elas queriam ser vendidas separadamente. O boca a boca claro que seria interessante e mais cordial em uma época que não tinha muita tecnologia, mas,

---

<sup>12</sup> Merchandising é uma ferramenta de Marketing, formada pelo conjunto de técnicas responsáveis pela informação e apresentação destacada dos produtos no ponto de venda, de maneira tal que acelere sua rotatividade



os jornais, rádios e panfletos eram um marketing para a venda de filmes que obtiveram sucessos, e sim, chegamos onde queríamos o filme, aliás, a obra *O Exorcista* de William Friedkin. Filme esse que bateu recordes de bilheteria, além de muitos prêmios, Oscar e Globos de Ouro, recordes de curiosidade em uma comunidade, que um mundo quis saber, como tudo aconteceu, o que era aquilo? Várias perguntas haveriam de serem questionadas, mas, e as respostas?

Em um mundo sombrio do filme de Friedkin, descobrimos o medo, a tensão e como é ter o mal ao seu lado, de forma real, foi o que muitos espectadores sentiram ao ver a pequena Regan McNeil (Linda Blair) girar o pescoço em 360 graus. Algo normal? Na década de 70? Que nada, chocante e apavorante. Ninguém nunca sabia que apenas imagens em movimento como os queridos irmãos Lumière poderiam ver o que eles transformariam sua grande ideia, se tornou algo verdadeiro. Aterrorizante, poderíamos dizer assim.

Embarcamos em um mundo que a publicidade e o cinema tornaram-se aliados agora para todo o sempre. Um filme tornar-se-ia clássico e original e interessante e visivelmente incrível de se olhar. Procuraremos não falar do quão importante esse filme é para muitos o crescimento do cinema, porque, por si só, ele já é tudo isso. Viveremos e reviveremos a atmosfera que o autor William Peter Blatty, criou para os fãs, cinéfilos, um mundo de qualidade cinematográfica, como nunca vista antes. A recepção nos Estados Unidos foi o assunto mais falado por mais de anos à frente de sua exibição. O fato de pessoas esperarem mais de 5 horas em uma fila, na chuva, no sol, no frio para assistir, várias vezes o filme, comprova que estamos lidando com algo grande e impressionante.

Um filme hollywoodiano transformar o jeito do comportamento humano não é comum, mas, sim, em vários países e, em específico, na cidade de Campina Grande, na Paraíba, houve um grande rebu em relação ao *O Exorcista*. Tudo começa quando relacionamos cinema e Campina Grande.

Aqui vamos nós, nossa personagem, a Rainha da Borborema, a cidade da Paraíba. O importante é que a cidade já estava preparada para se tornar ponto de pessoas querendo ver que imagens. São essas que as pessoas tanto falam. Nisso, o cinema surgiu como água, e foi sendo bebericada aos poucos, até que, foi-se dando conta que, realmente era uma das melhores fontes de



entretenimento para a sociedade campinense. Cabral Filho (2009, p. 177) explana que;

Campina Grande já convivia com os cinemas desde março de 1909, quando foi inaugurado o Cinema Brasil, funcionando no edifício do Grêmio de Instrução. Este cinema fechou as suas portas no ano seguinte. Em 1910, inaugurou-se, na Rua da Feira, o Cinema Popular, também de vida efêmera. Em maio de 1912, Lino Fernandes inaugurou o cine-teatro Apolo, num edifício especialmente construído para apresentar peças teatrais e películas cinematográficas, no lugar do antigo "Comércio Novo". Em novembro do ano de 1918, os senhores Américo Porto e Alberto Saldanha deram vida ao Cine Fox. Portanto, no item entretenimento cinematográfico, a cidade já experimentava, há algum tempo, essa relação com uma das mais fabulosas apresentações do mundo, apresentadas pelos irmãos Lumière, no final do século XIX, período em que foram produzidos alguns dos mais impressionantes ícones da modernidade técnica e científica.

Em 1970, ao pesquisarmos no *Diário da Borborema*<sup>13</sup>, um dos meios onde a população ficava a par da programação semanal, podemos perceber que, dois grandes cinemas da cidade eram os mais favoritos e mais frequentados, anos antes, existiam outros, como Cine Avenida, por exemplo, mas, como a população foi se adequando com o que já tinha, ficou mais fácil, habituarem-se em dois cinemas muito conhecidos, o cine Capitólio<sup>14</sup> e o cine Babilônia<sup>15</sup>. O Capitólio é um patrimônio onde servia de exibições cinematográficas e ponto de conversa para adoradores do cinema e a população da cidade, ter um lugar habitável e aconchegante para assistir a um bom filme.

Por incrível que pareça, apesar de termos dois cinemas em ascensão, o Capitólio era um dos mais frequentados e onde eram exibidos grandes filmes, como os campeões de bilheteria, exemplo; *A Malvada* e *A Conexão Francesa*.

<sup>13</sup> Diário da Borborema era um jornal dos Diários Associados que circulava na cidade de Campina Grande. Foi fundado no dia 2 de outubro de 1957, e em 2001 ganhou o Prêmio Esso de Jornalismo. O jornal campinense Diário da Borborema foi fundado pelo magnata das comunicações Assis Chateaubriand que, natural da cidade de Umbuzeiro-PB, viveu boa parte da sua juventude em Campina Grande. Sua primeira edição foi publicada em 2 de outubro de 1957 e contou com seis cadernos.

<sup>14</sup> Em Campina Grande, especificamente falando, o Cine-Theatro Capitólio era considerado o maior e mais moderno do estado, possuindo uma das mais bonitas estruturas físicas (projetado por ("Mestre Abílio") e contando com 1.000 lugares para acomodação de expectadores. [site; Retalhos histórico, Campina Grande]

<sup>15</sup> O cinema Babilônia foi inaugurado em Campina Grande no ano 1939, atendendo a necessidade de casas chamadas "cine-theatros" onde outrora só haviam os cine Fox (fechado em 1933) e o Apolo, que sucumbira ante o cine-theatro Capitólio. [site; Retalhos históricos, Campina Grande]



O Babilônia tinha sua fama, mas, era um cinema que exibia filmes mais populares, onde por exemplo, um filme de *Tom e Jerry* era a atração matinal, entre outros filmes, gêneros infantis e comédias, eram os mais exibidos no Babilônia. Agora, voltando para o Capitólio, sim, o cinema era bem conhecido e ainda hoje é, por possuir uma grande sala de exibição e uma boa tela. Mas, não só por isso, o nosso cinema exibiu *O Exorcista*. Sim, ele mesmo, meus caros leitores e foi nele, onde vamos percorrer toda a nossa análise e pesquisa para com a descoberta, de como essa produção cinematográfica, teve grande repercussão em uma cidade do interior.

O que vamos pesquisar aqui, serão os meios de comunicação da cidade que mais eram procurados para ser como base uma fonte de notícia mais segura e que todos estariam, sem dúvida, atrás, para procurar a programação da semana, isso inclui, cinema, festas, etc.

Vamos nos aprofundar e tentar descobrir como eram as publicidades desenvolvidas para serem atingidas?

Bem, ao longo dos anos 70, a cidade recebera várias melhorias como outros meios de comunicação para uma boa propaganda chegaram às casas dos campinenses, bem como panfletos e anúncios de jornais, além de telejornais, além do mais, existiam outras formas mais convenientes de ficar a par de assuntos do momento. O centro da cidade, era um bom ponto de comunicação entre as pessoas na quais viviam para jogar conversa fora e fazerem novas amizades, esse ponto seria O Calçadão, famoso por suas árvores, restaurantes e lojinhas de café para um bom papo. A partir daí desenvolvia uma interação onde levaria à interação público-publicidade dentro do conceito cinema, em geral.

Um espaço para exibição dos filmes na cidade eram postes, cavaletes que ficavam em frente aos cinemas onde o filme era exibido, além de possuir anúncios nos jornais do *Diário da Borborema*. Era bem atingido, podemos observar, o público que era consumidor de jornais e informações, sempre via anúncios em algumas dessas mídias, que na época eram usadas para informar aos intermediadores e amantes da sétima arte.

Como os cinemas de todo o mundo, o de Campina Grande não poderia ser diferente. Possuía também seu momento de glória, quando filmes premiados vinham para a cidade. Filas e mais filas eram formadas no lado de



fora dos cinemas. O *Exorcista*, película essa que estreou nos Estados Unidos em 26 de dezembro de 1973, chegou em Campina Grande no segundo semestre do ano de 1975, embora tenha chegado em 11 de novembro, 1974 no Brasil, a cidade recebe a bitola de exibição, meses após a exibição nas grandes metrópoles do país. Em Campina Grande, a produção foi exibida pelo cine Capitólio.

A apresentação da película foi proibida em vários países. No Brasil, por conta da Ditadura Militar, acreditava-se que o Departamento de Imprensa e Publicidade (DIP) não permitiria a exibição do filme ou se houvesse a liberação, seria exibido com cortes. O *Diário de Pernambuco* publicou algumas matérias falando sobre a luta que representantes da Warner no Brasil tiveram para conseguir a liberação da película no país. "O filme "O Exorcista", grande sucesso nos Estados Unidos na atualidade, deverá ser submetido à Censura do Brasil ainda neste mês. "Caso seja liberado, entra em produção em maio", (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 01 de abril de 1974, p. 06) informa João Alberto em coluna homônima publicada no jornal.

Alguns meses depois, especificamente, em 02 de agosto do mesmo ano, os leitores encontrariam no *Diário* a seguinte manchete: "Censura Federal libera "Exorcista" sem cortar cenas". A matéria informava o DIP liberou a exibição do longa sem "cortes em quaisquer cenas. Embora tenha passagens e enredo muito fortes" os censores afirmaram que a polêmica produção não feria a legislação do país.

Jornais e telejornais de outras cidades do Brasil também divulgavam informações sobre o filme. Algumas notícias destacavam o grande recorde de espectadores da película, outras falavam sobre a reação de algumas pessoas tiveram ao assisti-lo. O jornal *O Globo* que circulava também em Campina Grande, possuía uma matéria significativa falando sobre a estreia do filme em São Paulo, o que obteve grande sucesso; já em Campina Grande, o *Diário da Borborema* noticiava que

Campina Grande recebe O Exorcista, filme que será exibido no cine teatro Capitólio, as cópias já chegaram e o filme terá sua estreia no domingo, o filme que está dando o que falar, nas metrópoles e promete, trazer o mesmo suspense e terror que todos estão querendo ver. Após a sua estreia, pessoas estão passando mal e uma ambulância foi posta em frente ao cine capitólio, assim devemos falar que, O Exorcista, é sim, um dos filmes mais controversos já exibidos

aqui na cidade. (RETALHOS HISTÓRICOS, CAMPINA GRANDE, 1975)

Repercussão em todo o Brasil, filme chega à cidade e traz também um pouco do terror que já vem sendo falado enquanto suas exhibições em outras cidades do país, o longa prometeu sustos e até pessoas passando mal nas saídas dos cinemas, claramente, estratégico e que consegue atingir além do consciente.

A BBC mostrou um material sobre a estreia da película nos Estados Unidos. Onde pessoas formavam filas enormes e pernoitavam para conseguir os ingressos da sessão seguinte. A própria produtora, contratou estagiários para servirem cafés por conta da própria produtora, a Warner Brothers, para aqueles que ficavam na fila aguardando as próximas exhibições, mesmo pessoas desmaiando, se sentindo mal. O filme possuiu e ainda possui vários sustos. E a pergunta que nunca quer calar? Isso realmente pode acontecer?

O que ocorreu na cidade de Campina Grande, não foi diferente. Pessoas aguardavam mais e mais para assistir repetidas vezes. O fato de possuir ambulâncias e pessoas vomitando não era de se estranhar. O que as pessoas conheciam por filmes de movimento, histórias bobas e sutis, acreditavam agora que, a ficção pode se tornar realidade.

Seu conteúdo agressivo e pesado o tornara um filme desagradável, mas, mesmo assim, muito misterioso, deixava pessoas curiosas querendo assistir mais e mais. Sua produção, foi tão bem elaborada e tão bem feita que, torna-se imediatamente, um clássico do cinema. Não era pra menos. Quase um ano para terminar as filmagens, levava horas, paciência, preparação e muita dedicação para com as personagens. Baseado em um livro William Peter Blatty, lançado em 1971, já citado aqui, antes. Blatty co-escreveu e produziu o filme. Deixando um produto fiel, livro-filme. Por isso também do seu grande sucesso. Deixando um pouco de lado as questões cinematográficas, adentraremos agora na história original que inspirou ambos produtos.



## 2.1. A HISTÓRIA POR TRÁS DA FICÇÃO

Em 1949, saíra em um jornal local de pequena cidade de Maryland, uma notícia sobre um ritual que estava ocorrendo, e, portanto tratava-se de um garoto de 14 anos de idade, nomeado Robbie Mannheim, seu nome original até hoje é guardado para preservar sua identidade. Iniciando essa matéria, pessoas curiosas começaram a investigar o caso, seguindo uma busca por respostas e que tipo de acontecimentos eram esses, descobrindo por fim, que se tratava de uma suposta possessão demoníaca, agora digo-lhes que, como tudo isso haveria de ter começado? Sim, tudo começa, quando a tia do garoto, chamada Harriet, falece e os pais de Robbie, ficam sabendo que a tia brincava com uma tábua Ouija, essas que você contata o sobrenatural, vai entender, né? Após o seu falecimento, dias passaram e o garoto começa a perceber coisas estranhas na casa onde vive. Como por exemplo, coisas muito naturais, uma cadeira se mexendo, os estrados da sua cama de madrugada começam a fazer barulhos, como se alguém estivesse roçando as unhas. Além de presenciar objetos voando de um lugar para o outro. Chega um dia em que, os próprios pais presenciam tais eventos, deixando-os bem preocupados. Para solucionar, aliás, tentar solucionar tais atividades, eles contatam o padre de uma próxima igreja, o Pe. Halloran. O padre é comunicado, então assim, direcionando-se à residência dos Mannheim, onde é recebido e lhe é explicado às situações que estão ocorrendo.

O garotinho de 14 anos é muito calmo, polido e delicado tanto com os pais quanto com as visitas, mas, quando chega o crepúsculo, o pequeno transforma-se violentamente em algo inexplicável, deixando visível aos olhos do padre que presenciam fatos assustadores. Uma pequena informação sobre um exemplo que fora visto aos olhos das testemunhas é que tudo acontece no quarto onde o mesmo habita. Estranho, não? Palavras como; "me come, seu padre safado", eram exauridas da boca da criança, além de apontar frequentemente para suas partes genitais. Após vários meses de exorcismo, foi constatado que, a vítima, ficara bem e tudo tinha acabado, detalhe que a notícia saída no jornal fora introduzida à população da cidade no período em que estava de fato acontecendo o ritual.

Voltando ao mesmo período em 1949, o autor William P. Blatty que até então, naquela época era um estudante universitário de Georgetown, vira a notícia em alguma banca de jornal e ficara surpreso, além de muito curioso. Após algumas buscas e estudos, o mesmo teve uma brilhante ideia de transformar uma notícia de jornal, aliás, apenas uma nota, em um romance de mais de 300 páginas, chamado *O Exorcista*. Para preservar identidade e gênero do personagem original, o garotinho de Maryland, Blatty trata do assunto, não mais com um menino, mas, uma menina em questão. A família e consequentemente, a história, deixando apenas a essência e o foco da história, a possessão em um século que ninguém haveria de pensar que poderia existir. Hoje, um dos clássicos da literatura, *O Exorcista*, deixa leitores do mundo inteiro, com pequenas insônias e duvidando da sua própria fé.

Após sabermos um pouco da origem dos fatos, podemos assim dizer que, tudo faz um belo sentido para que pessoas tenham medo e fiquem assustadas com esses eventos que hoje poderíamos classificar como, surreais. Apesar de vários acontecimentos já citados acima, podemos realmente perceber o quanto as pessoas ficam impressionadas facilmente e de modo geral, aguçadas ao novo e ao diferente. A partir de agora, caros leitores, convido-os a adentrar nas matérias jornalísticas e as propagandas que reportaram momentos marcantes na época.

## 2.2. O DEMÔNIO CHEGOU

Raramente filmes nos anos 70 seguiam um padrão tão extraordinário, como se ocorreu com *O Exorcista*. Mas, sim, não seria diferente, a película proporciona aos telespectadores cenas bem interpretadas, efeitos especiais caseiros e eficazes que são capazes de dominar noites e noites sem sono de qualquer um. *O Exorcista* chega no Brasil, especificamente nas capitais em 1974, após um ano do originalmente lançado nos Estados Unidos. Visaram-se várias questões se esse filme realmente seria interessante e viável passar nas telas brasileiras. E sim, apesar de estarmos passando por uma severa ditadura, não houve impedimento, porque, sua publicidade é tão forte e tão preenchida de suspense e mistério, que pessoas não poderiam de testemunhar tal feito. Chegando em São Paulo e Rio de Janeiro, inicialmente. O filme causa o que foi



presenciado nas terras americanas, sim, um grande rebu, filas e ainda pitadas de desmaios nas plateias, não era brincadeira, o demônio não tinha chegado para brincar, a coisa era realmente séria. Era melhor dar uma passadinha no seu médico antes de adentrar em alguma sessão.

Segundo matéria produzida por Orlando L. Fassoni,

As pessoas sugestionáveis que se cuidem? O demônio chegou. E não custa nada ouvir umas recomendações de alguns psiquiátricos que afirmam que, antes de enfrentar a ira de satã, qualquer cidadão precavido deve passar pelo cardiologista e ver como é que andam as pulsações cardíacas.

Pode ser que O Exorcista não provoque aqui, os desmaios que dizem ter provocado em espectadores norte-americanos. Também pode ser que, depois de assistir o filme, que começa hoje sua carreira normal em São Paulo (cines, Ipiranga, Metrópole, Majestic, Belas Artes – sala Villalobos- Center e Vila Rica) sem cortes (diz a Warner), proibido para menores de 18 anos, nenhum jovem vá procurar a igreja e dizer aos sacerdotes que está com a sensação de posse demoníaca. Pode ser, ainda ser que a narrativa de William Friedkin, baseada no "best seller" de William Peter Blatty, não chegue a provocar vômito que, afirmam, provocou em mulheres na Alemanha e de outros países. Pode ser que tudo isso não seja senão o fruto da imensa campanha publicitária que envolveu este filme semelhante a muitas outras que a máquina de Hollywood é capaz de fazer. (FOLHA DE S. PAULO, 11 de novembro de 1974)

Convencional e verdadeiro, isso é o que o filme mais aterrorizante de todos os tempos faz com a cabeça humana e os corações mais fracos, resistirem em ir até o final das suas 2h25min de puro medo. Casos e casos, pessoas e pessoas, tudo é diferente, mas, nem todo mundo caiu na graça do filme, engraçado e peculiar, não é? Apesar de ser muito bem produzido para a época, o longa-metragem causa embrulho no estômago e faz nossos medos mais escondidos saltarem para fora, mas no Brasil, nem todos tiveram a mesma receptividade. Existiu de fato uma histeria sobre o mesmo, mas, pessoas relacionava a vida real, com algo feito de Hollywood. A máquina de fazer filmes bem elaborados que transformaria uma simples criança de 12 anos, em um completo e assustador demônio. Diz ainda, Orlando L. Fassoni que;

O fato é que, fortalecido pela própria histeria coletiva do medo, ou embuído nas mentiras naturais que o cinema, ou a máquina de que o faz, costuma utilizar, O Exorcista vai deixar muita gente com perturbações estomacais. Por quê? Talvez, com mais que tudo o que exista na narrativa de Friedkin/Blatty, pela sensação de repugnâncias e de asco que o espectador terá ao ver, cara a cara, em insistentes primeiros planos, a máscara maldita criada pelo maquiador Dick



Smith – o especialista que maquiou Dustin Hoffman em "O Poderoso Chefão" – para a garota de 12 anos de idade, Linda Blair, um pequeno anjo que o cinema transforma em demônio.

O Exorcista é um desses fenômenos que de vez em quando ocorrem no universo cinematográfico. Provavelmente, nem o escritor William Peter Blatty – de quem ninguém ouvira falar antes do êxito mundial de seu livro – e nem diretor William Friedkin – que era um pouco mais conhecido graças à sua realização anterior, "Operação França" (The French Connection) – pudessem imaginar que o filme acabaria sendo um dos motivos pelos quais as mais altas autoridades eclesiais – a partir do papa Paulo VI – acabaram admitindo que o Diabo está à solta e que o demonismo, como culto, está ganhando dimensões cada vez maiores no mundo moderno, um mundo regido pelo materialismo, pela cibernética e pela desordem, e no qual seu elemento principal, o homem, não mais vive em função da fé. (FOLHA DE S. PAULO. 11 de Novembro de 1974).

Passamos a acreditar que, o que poderia ter sido algo do cinema hollywoodiano, poderia agora estar tomando conta da nossa vida real, estaríamos desafiando a nossa própria fé, por causa de um filme? Esperaríamos que logo passasse e que pessoas não virassem ocultistas e fossem servir ao satã. O medo tomou conta literalmente da população durante o período que o filme perdura na tela do cinema, e incrivelmente até depois. Tomando agora uma grande proporção na vida de cada que assistisse o filme.

Mas, porque será que tudo isso virou um grande caos no mundo? Diremos que, o que víamos em filmes do gênero terror até então eram vampiros, bruxas, mortos-vivos, esses seriam nossos medos tirados de uma grande tela branca e que após sua exibição, esqueceríamos. Mas, o mundo gira e precisaríamos de uma inovação no cinema, para que coisas desse tipo pudessem ocorrer, a mesmice não seria por mais tempo, o que sabíamos de um bom filme de terror, passa ainda a aterrorizar de uma forma brutal e sensacionalista. Vamos desafiar a ciência e por via das dúvidas ficarmos debaixo da cama, com o terço e orar vários rosários antes de dormirmos. Explanado ainda por Orlando L. Fassolini;

Todos esses personagens desafiaram durante muitos anos, o nosso sistema nervoso, colocando à prova a nossa capacidade de suportar o horror. Mas nós não aprendemos e continuamos em busca do arrepio gelado que só o cinema pode proporcionar. Continuamos consumindo toda a literatura existente nesse campo, e saboreando todas as histórias em quadrinhos de pavor. Por quê?

Segundo as interpretações da psicanálise, este tipo de cinema representa uma projeção dos horrores internos do homem, que vê, projetados nas telas, os pavores que habitam seu subconsciente, mas tranquiliza-se na medida em que os elementos podem ser controlados. E, ao pensar que se trata simplesmente de um filme, ou



de um livro, ou de uma revista, basta-lhe sair do cinema para que tudo acabe o seu medo seja apenas uma questão de duas horas no máximo. (FOLHA DE S. PAULO. 11 de Novembro de 1974).

Nós, seres humanos, possuímos algo dentro de nós que se chama, êxtase do momento, o que é causado de impacto rapidamente por nossos olhos, ficamos apreensivos e assustados por alguns segundos ou minutos. A obra de Blatty e Friedkin passa esse tipo de sentimento do que, o que acontecer com os outros, tá tudo bem, contanto que não ocorra comigo. O medo de que, se ocorrer com aquela garotinha, certamente não ocorrerá comigo. O fato de possuímos nossos sentimentos interiores, deixa bem eficaz que, o que é concluído por Orlando Fassolini:

E baseado nesse mistério, conclui-se que O Exorcista apesar de toda a sua carga emotiva, não deixa de enveredar pelo caminho natural que o cinema escolheu há muito tempo, ou seja: todo "monstro" demônio ou não, deve morrer, porque o perigoso é feio. Nós já encontramos soluções para aniquilar vampiros, lobisomens, gorilas, insetos gigantes, múmias e zumbis. Para o diabo, nada melhor do que andar munido de um pequeno vial de água benta. "um santo remédio", como diriam, com toda experiência, as nossas avós. E O Exorcista está aí para comprovar. (FOLHA DE S. PAULO. 11 de Novembro de 1974).

Não há vampiros ou mortos-vivos para nos assustar, não mais, o que irá nos deixar apavorados é o nosso próprio subconsciente que, agora, está a mil por hora, tentando não ver o rosto tenebroso, as blasfêmias que a pequena Linda Blair solta pela boca, sua cabeça girando em 360°, e o clímax pesado no quarto em que você, vai se ver agora. Seria isso o mais que suficiente para percebermos o quão uma geração foi marcada e aterrorizada não por horas, não por dias, não por meses, mas, por anos.

Parando para pensar, uma história fictícia baseada na verdade, sempre nos deixa mais incomodados e assustados por termos de que, isso não existe, mas, ao duvidarmos do que pensamos, deixamos de lado toda a nossa crença e sentimento do que não precisamos acreditar, temos medo, muito medo do real, poderíamos ser absolvidos pelo medo e nele encontrarmos os nossos piores pesadelos.

O filme é um sucesso, filas enormes foram feitas em sua estreia, no mundo inteiro, foi um *hit* de bilheteria, isso é fato. Mas o que foi causado de histeria e loucura para pessoas assistirem, pais e familiares que não gostavam



de cinema, eventualmente, visitavam o cinema para ver o que era todo esse rebuliço, pois, sem dúvidas, tinha algo ali que não fazia o menor sentido. Porque seria que todos iam visitar o cinema e querer ver algo tão pavoroso e que te daria frio na espinha, pessoas eram masoquistas? Isso tudo, dar-se uma explicação. Marketing de Hollywood, sua mídia forte, seu boca a boca, suas matérias bem escritas. Seria uma batalha entre o bem e o mal? Ela já começou, o culto de um clássico se tornaria agora, o assunto mais falado por muito tempo, atravessando gerações e gerações. Obrigado, William Peter Blatty.

### 23. CONVERSAS DIABÓLICAS COM OS POSSUÍDOS

Depois de desfrutarmos um pouco dos textos acima, em cerca da grandiosidade e receptividade do tão falado e aclamado *O Exorcista*. Já nos tempos de sua exibição, os que foram possuídos pelo grande falatório, saíam e automaticamente já havia um certo *feedback* a respeito do que acharam e se é isso tudo mesmo. Os jornalistas ficavam de prontidão nas saídas do cinema, esperando os telespectadores terminarem apreciar o filme, e em seguida, relatos pessoais eram simplesmente, explanados assim;

É simplesmente nojento. E só, comentou dona Maria do Carmo Chaves, de 41 anos, casada, mãe de três filhos, dona de casa, que foi ver o filme acompanhado da mãe. Ela disse que só se impressionou com a forma com que o maquiador Dick Smith consegue atingir o espectador com a máscara que faz no rosto de Linda Blair, a atriz que representa a menina endemoniada. (FOLHA DE S. PAULO, 1974)

Outras que não conheciam esse tipo de assunto aproveitaram o fato de o assunto estar bem em alta, e a partir de sua exibição, pessoas procuravam outras formas de abordar e comentar sobre a possessão demoníaca, que foi o caso do Carlos Alberto de 23 anos, solteiro e universitário, disse;

Valeu a pena ver. Também pela curtição. Hoje de noite vou ler muito o assunto em casa". Mas o filme não é grande coisa. Os comentários eram feitos dos que assistiam aos que estavam na fila. Mas ninguém arredou o pé ao ouvir as opiniões adversas. FOLHA DE S. PAULO, 1974)



Além das opiniões das pessoas acerca do filme, muitas realmente ficavam curiosas e passavam a se aprofundar sobre o assunto, de forma ávida e interessante. Antes de passarmos para o próximo capítulo, em que apresentaremos relatos de alguns cinéfilos que assistiram ao filme na cidade de Campina Grande, é importante mencionar que, antes de *O Exorcista* estrear no Brasil além das reportagens que veremos pulular nos jornais impressos na época, diversas matérias falando sobre possessões, exorcismo, artigos de padres, pastores espíritas opinando sobre a existência, ou não, do diabo, além disso, várias empresas se aproveitaram do grande sucesso e marketing indireto que o filme recebia com as notícias veiculadas nos periódicos e passaram também a entrar na "crista da onda" e produziram peças mencionando a película.

Destacaremos aqui duas propagandas que usaram o sucesso do filme para atrair de certa a atenção do consumidor. A primeira é da Volkswagen que publicou uma propaganda no jornal do *Diário de Pernambuco* com a seguinte mensagem: "*Existe uma marca que se mantém atual, apesar da emancipação feminina, da revolução sexual do raio laser, do skylab, da máxi, midi, mini, da pílula do homem e da mulher, do exorcista e até mesmo de todas as outras modas*" (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1974).

O *Diário de Pernambuco* possuía tirinhas que faziam sucesso e aproveitando toda a força do filme *O Exorcista*, pela crítica, apesar de no ano de 1974 ainda não ter estreado em Pernambuco, o jornal utilizou-se da força da notícia para compor um quadrinho, que dizia o seguinte "*Quem está aí? É 'O Exorcista'?*" *Não, sou a vendedora da Avon – disfarçada de padre! Quem você pensou que fosse?* E junto existia um desenho do clássico pôster do filme, o padre chegando na casa.

Ambas as propagandas, usaram claramente o fato que estava já acontecendo, o grande sucesso que o filme sucedeu. Chegando ao topo, e sendo falado de todas as formas, em todos os lugares. É a coisa era séria mesmo, e estava de fato, tomando grande proporção, como ninguém poderia saber do filme? Ele era simplesmente o assunto mais falado de todos os tempos, que percorre 4 anos e ainda não é esquecido.



## CAPÍTULO III - QUANDO A VERACIDADE FALA MAIS ALTO

"Sua mãe está aqui conosco, Karras, gostaria de deixar recado? Farei chegar até ela"

Regan MacNeil/Pazuzu

"Eu sou o demônio, agora afrouxe essas correias" frase dita pela personagem Regan MacNeil ainda aterroriza telespectadores por onde passa, não magnífico o poder da persuasão, e quando se trata do entretenimento, precisamos algo mais forte e verdadeiro, aliás, para os amantes da sétima arte. Não há significados existenciais para presenciarmos fatos que ficam uma única vez na nossa cabeça, o ser humano é versátil e se modifica a cada dia, como qualquer coisa em nossa vida, tudo passa, mas fica marcado em nossas memórias, por um simples motivo, o tempo do filme, por mais que tenha passado, a nossa memória nunca vai apagar tais cenas do pensamento que perdura por dias e dias da nossa vida.

Assim é a lembrança de nossos cinéfilos que em tempos de ditadura militar, viram-se em frente à um marco da indústria cinematográfica, esse filme já falado e já aclamado em capítulos anteriores foi, um movimento que mudou a vida de jamais conhecidos frequentadores e ratos de cinema. Por esse tempo, o *O Exorcista*, intercala quaisquer outros filmes com sua grandiosidade e mistério. Como uma penumbra e uma névoa, cheia de fantasmas escondidos e sem luzes para uma direção, foi assim e até hoje, é.

William Peter Blatty e William Friedkin criaram juntos uma obra prima do terror, ainda mais assustador do que 1973, que volta até hoje para possuir você novamente. Esse é o que chamamos de *blurb*<sup>16</sup>. Elas chamavam, literalmente, atenção de cinéfilos para estarem presentes em cinemas e assistir aos seus filmes exibidos, não que seja algo dos anos 70 ou mais antigo ainda, isso acontece com frequência até os dias de hoje, e até mais fortes.

A princípio, que essas "propagandas" faziam as mídias circularem e abrir uma brecha aos seus leitores e pessoas curiosas a saberem o que viria a seguir, seus filmes, digo aqui. Sem mais delongas, proporcionamos o ato de conhecermos e juntos, iremos revisitar o passado de uma forma graciosa e voltaremos ao olharmos para essas páginas e vermos o quanto a história é

<sup>16</sup> Propagandas e chamadas inserida tanto em livros, quanto em produções cinematográficas.



importante e junto dela, quem o faz, as memórias de cada vivente, que frequentou a década de 1970, seus cinemas e discutiu com amigos, familiares e viram o grande filme de terror ter sua estreia no mundo. "Que sorte!" "Magnânimo". "Incrível". "Mesmerizante". Termos como esses, que nos levam de volta ao cinema da época dedicada a descobertas dos seus medos mais profundos.

Para a produção deste capítulo, fizemos algumas entrevistas, utilizando questionário semiestruturado, com os viventes da época que tiveram o prazer de estar presente em uma data histórica e revolucionária do gênero terror cinematográfico, na cidade de Campina Grande. Através dos relatos dos entrevistados teremos a oportunidade de sentir o impacto que o filme causou nos mesmos, fazendo com eles, durante algum tempo, ficasse com medo de dormir no escuro ou de sentir a cama voitar tal qual na película.

Bem-vindo à Campina Grande de 1975! Nesse período, os filmes lançados por Hollywood demoravam bastante para chegar na cidade. Quando chegavam ao Brasil, primeiro eram exibidos nas principais metrópoles do país, como Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e, meses depois é que as cópias amplificadas, por causa de todo o uso em outras cidades, vinham às cidades do interior.

Aqui, através dos relatos dos entrevistados, reviveremos fatos que emocionam por apenas terem existido e estarem de alguma forma, cristalizados nos nossos corações. Quando você vê de perto o quão magnífico é característico a forma de um ser humano poder considerar que, mesmo anos após terem se passado, sua memória, nunca vai apagar momentos inesquecíveis, mesmo que traumáticos. É com essa deixa que quero que você, reserve um lugarzinho na poltrona, que a nossa sessão final de cinema vai começar, e espero que junto, tenhas pipoca e refrigerante para acompanhar o que esses filmes da vida real, nos aguardam.

O cinema sempre trouxe desde seu experimento, a raiz da originalidade, contudo, há muitas coisas para serem desmistificadas, a todo tempo. É um enigma, é um cálice quebrado, e que precisa ser reconstruído, refeito e ser modificado, nunca ficará igual a antes. É certamente uma modificação no modo da vida cinematográfica, explanemos aqui, todo o mistério que envolveu um filme de Hollywood. Um filme, seu marketing, seus conceitos. É claro que



ter sido marcado pelo crescimento de uma nova perspectiva do cinema, o gênero terror, agora, já teria chegado, e era incrível, assustador e muito bonito.

O que assustava de fato, era a riqueza de detalhes que fora exposta na grande tela branca. Quem viveu, presenciou um marco, mas, sem saber, que seria tão importante. Quem imaginaria que na contemporaneidade, faria parte da história? Sim, é o método da consulta, da conversa, de reavivar memórias que estão em algum cantinho do cérebro, mas, há de saírem a partir de momentos como esse, que não pareciam tão importantes, mas, que hoje, são tão valiosos quanto os assuntos pertinentes do cotidiano.

Convido-os à sentarem tomar um café, e juntos conosco, se deliciarem com o mundo é pragmático e cético. Há voluptuosidade e informações esquecidas e indiscutivelmente necessárias para a formação de qualquer leitor e, no entanto leitores. A partir daqui, entenda porque em 1975, o cinema muda completamente. As pessoas mudam completamente seus hábitos, seu jeito e passam a vivenciar a ficção, transformando toda a sua vida em um verdadeiro filme de terror, ou assim por dizer, suspense infinito.

#### FALANDO COM OS SOBREVIVENTES

Campina Grande, sexta-feira nublada, 16h11min, adentro ao edifício em sua rua muito famosa da cidade, onde tenho alguns minutos de incríveis conversas com o meu primeiro entrevistado da rodada, o professor e documentarista Rômulo Azevedo, que me concedeu alguns minutos de sua atenção para prosseguir com a minha busca, onde insisto em encontrar pistas de um fenômeno cinematográfico que chega à cidade no segundo semestre de 1975. Um filme, no qual todos passariam a ter diferentes opiniões sobre o que era tudo aquilo que falavam e porque tanto balburdio em torno de um longa de terror. Seguindo com o momento disponibilizado, fomos tragados de volta para o lançamento do filme, assim que nosso primeiro entrevistado, deu o seu precioso tempo, para discutirmos um pouco sobre uma noite tão memorável.

Uma das primeiras indagações feitas foi sobre a maneira como as pessoas ficavam informadas sobre os filmes que estreavam na cidade que



além do Babilônia e Capitólio, o Avenida o Cine São José, o Cine que funcionava no bairro José Pinheiro. Rômulo afirma que:

Basicamente, as pessoas ficavam sabendo pelo fato de que toda semana saia uma diferente programação nos 5 cinemas que aqui possuía, além das grandes publicidades e marketing que o filme estava envolvido. O boca a boca das pessoas que frequentavam o cinema que o exibia, também fazia um grande sucesso, em deixar as pessoas curiosas, e per sê, levarem-nas intuitivamente as salas onde O Exorcista estava passando, deixando-as tirar as suas próprias conclusões.

Os cinemas que existiam na cidade atendiam a todos os tipos de levando entretenimento para cada comunidade. No tocante a exibição de O Exorcista pergunto sobre a reação do público que estava vendo o "filme".

No Capitólio, uma vez, pessoas se sentiam mal e realmente foi chamado uma ambulância, mas, o que era fato mesmo, era a questão do marketing circular tanto na cidade, que meio que ficou marcado essa ocorrência, portanto, deixando ainda mais o filme com cara de assustador, atraindo ainda mais pessoas à vê-lo.

Claramente, vimos que, como foi explanado na fala do Romulo, foi visto que ele viu tudo isso com um grande marketing, que foi feito pra mais que atrair o público. Sucessivamente, virando o filme mais assistido e marcante.

Rômulo insinua que, o único filme que foi o mais spectral, assustador, *Bebê de Rosemary* (Rosemary's Baby, 1968, Roman Polanski) ano de lançamento e diretor), que toda a tensão e o terror do filme baseava-se na ideia que Rosemary iria dar à luz a um demônio, um bebê. No caso, "esse choque mais próximo que as pessoas tomaram na grande proporção de serem assustadas em uma produção cinematográfica" – afirma Rômulo. Evidentemente os filmes que eram exibidos nos cinemas da cidade ficavam em apenas um dia, e passava para outros ao redor da cidade. Mas, isso quando O Exorcista é exibido no Capitólio. A película faz um sucesso grande ao seu redor, que passa a ficar uma semana em cartaz, o que não era comum na época. Então, de certa forma, houve um rebu ao seu redor, era "um sucesso instantâneo e provocativo", afirma Azevedo.



Estatísticas comprovam mesmo, William Friedkin é um diretor que além de trabalhar com o medo psicológico, transmite nitidamente, o sucesso que ele alcançou. É estrondoso e potente, como nenhum outro jamais o fez.

Ao percebermos que a forma como Azevedo fala é como se estivesse contando aquilo novamente, o interrogamos sobre as formas de lazer daquela época em Campina Grande e ele afirma que,

Como hoje, as pessoas, arrumam muitas maneiras de se divertir, por isso, o cinema não era o único método para se divertir. Mas, existiam os fiéis que sempre saíam do trabalho, universidade e davam uma passada para assistir bons filmes. Assim, para quem gostava de filmes, era a fonte de entretenimento, mas, na cidade existiam outras coisas para se fazer, por exemplo, as festas nos clubes'. Em 1974, uma forma de entretenimento muito forte e que não fazia o cinema sair na frente, era a TV, como tinha chegado há pouco tempo, as pessoas ainda ficavam mesmerizadas e muitas gostavam dos programas e filmes que nela passava.

Nessa época, o Brasil estava passando por uma ditadura, e na nossa busca por termos acesso a alguns jornais do país, como base de nossa pesquisa, disse-lhe que, os cinemas de Brasília, por exemplo, obtiveram uma permissão entre quem comandava a censura dos cinemas no país. Digo que foi preciso para ter sido suspenso e até modificar suas legendas para frases menos vulgares como é apresentado no filme e ele reafirma o que foi noticiado no *Diário de Pernambuco*. "Apesar de estarmos passando por um momento difícil na nossa política, não houve nenhum empecilho do filme para cá. Foi exibido do jeito que Hollywood produziu, sem nenhum corte, e legendado, pois não havia dublagens".

Mesmo estando ciente de que o cinema é uma fábrica de ilusões, que muitas vezes, aquilo que desejaríamos ser, ou de descobrir, além de nos provocar lágrimas, alegrias e risadas, os filmes também nos provoca medo e muitas vezes eles não acabam quando os créditos finais sobem na tela de projeção.

Eu senti um impacto muito forte ao assistir o filme. Eu tinha 23 anos na época, e como qualquer um do cinema, ao chegar em casa, fiquei receoso ao ver minha cama e de repente vê-la balançando tal como a cena do filme.

O susto, de certa forma, foi impregnado na mente do nosso entrevistado, apesar de que, ao sair do cinema, o seu sentimento ficou infundido, preso, ao chegar em casa, e explodir de medo, com o reflexo que o filme tinha



ado em sua mente. A verdade, o filme, chocou e deixou rastros da sua  
idade querendo ou não, na mente dos cinéfilos.

Ao vermos uma perspectiva de Romulo, surgiram ao longo da pesquisa  
dúvidas, e um olhar mais amplo para com outras pessoas que possam ter  
diferentes reações, fomos ao encontro do nosso segundo entrevistado  
aos 19 anos, Gilton de Lima Nascimento, presenciava em Campina  
de, o filme *O Exorcista*, no cine Capitólio. Aconteceu em 1975. Gilton  
que naquela época ele não era muito do cinema, gostava mais dos  
e assistir TV, que estava em alta na época. Mas, lembra que ficou  
de um amigo, através do velho "boca a boca", sobre o que esse filme  
causando, muitos falatórios e por pura curiosidade, ele quis assistir.  
linda que foi com sua namorada, a Maria José, que não curti muitos filmes  
terror.

Bem, soube pelo meu amigo que informou sobre o grande impacto  
que o filme estava tendo. A partir daí eu chamei minha namorada  
para ir comigo. Ela tinha 17 e eu 19 anos de idade. O filme era para  
maiores de 18 anos, mas, ela conseguiu entrar. Fomos assistir, até aí  
tudo bem, mas eu já estava um pouco incomodado não sei com o que  
era, mas, sentia-me um pouco, como posso dizer, tremendo e  
enjoado. Minha namorada estava muito tranquila, mas, na cena do  
crucifixo, ela não aguentou e saiu da sala. Foi até engraçado, pois ela  
não queria ficar só em um pequeno saguão que tinha no Capitólio.  
Disse a ela que ficaria até o fim. Não sei se foi uma boa ideia, pois  
fiquei muito traumatizado ao sair da sala do cinema. Simplesmente,  
eu não estava bem e fui até o hospital, tomar soro, estava com a  
pressão muito baixa, me deram um remédio sublingual, e foi aí, que  
me acalmei.

Passaram-se os dias, mas, foi piorando a cada dia, eu não comia  
direito, parece até brincadeira, mas, não é. E eu, um rapagão com 19  
anos, estava dormindo com minha mãe, por um período de 2 meses,  
pois eu apenas não dormia sozinho no meu quarto, desde o dia que  
saí do cinema, eu via a pequena Linda Blair virando o pescoço, além  
de pensar que ela iria me pegar, um pouco constrangedor, mas, foi a  
pura verdade. O de resto só tenho uma vaga lembrança que o filme  
foi passando e fui retomando minha vida. Mas, desde aquele tempo,  
creio que apenas assisti mais uma vez e nem todo, nos anos 90. Já  
estou com 60 anos e não gostaria de passar mais uma vez por isso.

Simplesmente aterrador, o que Gilton explica, é algo bem pesado e que  
teria tomar outras proporções, pelo fato de estarmos falando de uma ficção,  
filme que apesar de possuir seus altos e baixos, sempre deixou o seu  
do desde o princípio, ele não veio para brincadeiras, se o gênero é terror,  
vamos entrar nas feridas de cada telespectador para obtermos o que de



queremos, assustar. Não foi diferente, *O Exorcista*, ganha disparado, e muito.

Pergunto a Gilton se ele tinha visto alguma publicidade do filme em uma matéria de jornal, pois a questão seria como foi o desempenho inicial do filme para que pessoas mais e mais conhecessem e quisessem assistir ao

Eu não posso dizer com precisão, pois faz muito tempo, e sinceramente não me recordo ao certo, mas, de certa forma, creio que saiu uma pequena matéria falando sobre o filme, explicava sobre o sucesso que tinha feito em outras capitais, creio que apenas isso, como faz muito tempo, não tenho muitas lembranças sobre a mídia em si, mas, o boca a boca, era bom também, pois fui indicado por um amigo meu.

Muitos não sabem, mas, existiu de fato um início para com essa história. Quando ele menciona seu gosto por literatura, porventura, ele teria lido o livro antes de se transformar em uma produção cinematográfica, redargui sobre a leitura da obra.

Bem, quando saiu o livro, eu não li, nem pelo sucesso do filme. Li agora mais velho, meu sobrinho Valdir, me emprestou sua cópia e li no original, me surpreendi pela qualidade que o autor escreveu o texto, além de que o diretor do filme soube passar muito bem a sensação do terror. Por incrível que pareça, não me assustei, apenas achei divina a escrita e é tão real, que parece que estava assistindo de novo o filme. Muito gratificante.

Ao tentarmos captar tantas boas informações, buscamos uma terceira e uma opinião, na qual foi estrategicamente enriquecedora, deixando amplo espaço mais o nosso leque de precisas notícias sobre o objeto em questão. Falo com Guilherme Ferreira Queiroz, esse é o nome do nosso terceiro entrevistado, Guilherme, sempre estudou filosofia, já estava na faculdade, quando se lembra de ir ao cinema, para assistir *O Exorcista*. Ele sempre gostou de cinema, mas, não do gênero terror. O filme era muito pesado, por sua linguagem e sua mensagem em geral.

Já faço uma pergunta de cara, digo-lhe que muitas pessoas saíam arrepiadas do cinema, e pergunto se ele se lembra de algum caso desse

Na verdade, não me vem na memória agora, mas, creio que não, o que vi muito na época, foram gritos e até algumas pessoas rindo, praticamente do meu lado, é até engraçado, pois não gosto de pessoas que ficam rindo em alguma história que não tem



necessidade. Mas, voltando aqui, bem, particularmente, eu não tive medo do filme. Senti um incomodo ou outro, achei graficamente muito bem feito e as atuações foram simplesmente memoráveis, lembro que tentei pesquisar sobre os atores e saber quais filmes mais eles tinham participado. A criança que interpreta a menina encapetada, me deixou simplesmente boquiaberto, duvidava até que fosse uma criança por tamanho feito, achei sensacional a parte produtiva do filme.

Como é um filme que foi muito falado, pergunto como ele ficou sabendo da exibição aqui na cidade; prosseguindo e pegando ganchos da pergunta respondida anteriormente:

Assim, eu acho que pelo que lembro, soube através do cartaz que estava estampado no próprio cinema, o Capitólio. Estava com um amigo, amigo esse que me acompanhou na sessão, vale ressaltar. Infelizmente, eu perdi contato do meu amigo, era um amigo de faculdade e por alguns tropeços da vida, o tempo foi passando e nos distanciávamos de vez. Mas, lembro do seu nome, Ricardo. Não me lembro qual a sua reação, mas, ele ficou assustado com algumas cenas, de verdade, creio que foi isso, não tenho muitos detalhes.

Por se tratar de algo muito superior ao normal, seria comum termos a menção dos nossos tutores na época, nossos pais. Por isso, indago a quem me perguntou, fizeram alguma objeção para ele.

Olha, eu já tinha 20 anos de idade, então, não havia problemas para eu assistir um filme ou qualquer outra coisa, como eu era o mais velho, sempre poderia ir e vir de onde eu queria, gargalhando redarguiu Guilherme. Mas, não havia problemas, de verdade, foi bem tranquilo. Quis assisti e fui, aliás, nem avisei nada. Meio que estava no centro, vi o pôster, marquei com o Ricardo e fomos assistir no dia seguinte, algo bem assim, direto e meio que sem dizer a ninguém. Em geral, foi bem bacana, lembro-me de ficar comentando com alguns colegas na faculdade, e outros simplesmente não estavam no clima para assistir ao filme.

Sabemos que sempre houve métodos de diversão, mas, em 1970, não havia tanta opção com as quais temos hoje, por isso, surge essa pergunta. Você acha que o cinema naquela época era muito forte, por exemplo, as pessoas achavam uma fonte de entretenimento como a primordial?

Pra mim, na verdade, eu acho que mais ou menos. Pois creio que não só existia o cinema como entretenimento, era raro ver pessoas saírem juntas com os amigos, assim, na minha percepção. Eles se interessavam, no meu caso, quando eu via que era uma história que seria interessante pra mim, de fato, achava muito bom, porém não só assistia filmes, eu saía com meus amigos para bares e apresentações em teatro também.

A bela magia dos filmes nos deixa embasbacados com sua sutileza e expressividade ao mesmo tempo. Para completar nossos pensamentos, aos três presenciaram a mudança de uma geração, respectivamente no âmbito do cinema. Hoje em dia, ainda atinge muito, quem olha de forma para o lado b, como um filme de terror, que de cara, por seu respectivo sucesso, assusta, mas, creio eu que, apesar de já estarmos vivenciando outras verdades, outros filmes inovadores de trazer um simples pão de gengibre com chá, mas, na verdade é uma grande pizza de calabresa.

Sua delicadeza infunde com uma pertinente e ameaçadora contingência: o que pode ou não acontecer? Enfim, o que foi explicado e falado, não pode apagar jamais de nossas cabeças, espero que de agora por diante, não haja mais filme algum. Filmes são únicos, assim como o nosso admirável O Exorcista. O marketing pode ter alterado muitas vertentes, trazendo o poderoso ao mundo à sua ascensão. E você? Tem medo de alguma coisa? Tem medo de O Exorcista? Quem sabe, hoje, não se depares com o novo clássico do terror, e amanhã estejas tentando desvendar tamanha grandiosidade. Não direi um adeus, mas, um até logo, meus caros leitores. *"What an excellent day for an exorcism"* (Que dia excelente para um exorcismo) - disse Regan MacNeil (Linda Blair), não acham?



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seja bem-vindo à etapa final do nosso trabalho, meus caros leitores! Aqui, explanaremos os resultados obtidos e pautas para outras histórias. Tudo começou insaciavelmente em 1973, quando uma garotinha de 12 anos foi assuída por um demônio, a partir daí, a rotina de muitos de nós, cinéfilos e simples frequentadores de cinema, foi drasticamente mudada. O cinema, nunca mais foi o mesmo, literalmente, a sede de buscarmos algo além de *O Exorcista*, nos fez simplesmente mudar o nosso jeito, pensamento e até a vida. O filme é, de fato, um monstro do mundo cinematográfico. Arrecadando milhões por sua originalidade sem tamanho, perpassa todo seu trabalho feito para o público de forma visceral e arrebatadora.

Aqui, buscamos e conseguimos chegar ao nosso objetivo, que foi, nos livrarmos de uma dúvida primeiramente tirada por nós, mas, futuramente para outros pesquisadores. Sem dúvidas, existem nuances que a partir dessa pesquisa, foram surgindo ao longo desse tempo, e por si só, foi tão rico de informação que não pudemos mudar nossa linha de pesquisa, para com esse assunto. Mas, será com o gênero terror criado em 1920 com *O gabinete do Dr. Caligari*, reinventado na década de 1970 com filmes como *O bebê de Rosemary* e, em especial, *O Exorcista* que começa a ser desenvolvido outras formas como trabalhar o medo, em específico, e assim, ir além, adentrando nos aspectos humanos. Assim nos perguntamos até que ponto chegaremos para que pessoas se sintam parte da história e vivam aquilo, tão intensamente, como foi vivido por aqueles que assistiram o longa na década de 1970. A produção possuiu um grande marketing ao redor do mundo, o que foi também uma meta para o nosso trabalho concluído.

Usamos uma metodologia muito enriquecedora, como as das entrevistas que utilizamos como nosso pano de fundo e que foi peça fundamental para o presente trabalho ser desenvolvido e obtido muitas e boas informações, que só vão clarear e deixar ainda mais explicado a intenção deste projeto. Uma das principais bases para estudarmos esse assunto, foi também as dúvidas que foram surgindo da ideia principal, a princípio sobre como o filme tinha feito seu marketing, se havia um marketing por trás desse sucesso e como foi utilizado para atingir seu público. Além de toda a sucessividade dada



outros diretores abrirem seus leques de como fazer realmente um filme, isso e profundo que tentasse despertar o real medo nos telespectadores, como exemplo disso, temos *A Profecia*, que chega em 1976, como o mesmo tema, envolvendo demônios e criança, conseqüentemente, se beberam na ideia de *O Exorcista*, eu já não sei, mas, que, é bem parecido, sim, é. Seria até graça dividirmos o preceito da história com a realidade, que foi, o que de fato aconteceu. A partir das pesquisas do autor do livro de mesmo nome, foi criada a história do garotinho de 14 anos que foi o verdadeiro possuído no final da década de 1940, finalizando e sendo construído o aclamado filme do nosso amigo Bill Friedkin.

Ao todo, podemos assim dizer, que o que foi explanado nesta pesquisa com certeza, muito surpreendente... revivermos o passado de uma época especial tanto para a história do cinema para quem assistiu ao vivo, naquele tempo, e conseguiu sair vivo de tamanho medo. Os textos jornalísticos daquela época, o boca a boca, além dos jornais impressos que foram os precursores para que as pessoas pudessem ir ao encontro do filme nos cinemas. Além de termos sentir o verdadeiro medo com os entrevistados, e lermos as matérias jornalísticas e ter um sentimento tão grande de que "eu fiz parte disso", isso foi gratificante, e esperamos que daqui pra frente, pessoas sigam outras estratégias e possam descobrir cada vez mais o sentido de que filmes são nos acordados e que se não sonharmos não poderemos vivenciar o novo, o diferente e o especial, que assim pra mim, foi, especial, magistral e simplesmente único.

O marketing do longa foi muito bem executado, embora naquela época não fosse tão falada a questão da publicidade, a produtora, Warner Brothers, conseguiu, magistralmente, um sucesso absoluto na divulgação. Nenhum outro filme foi tão comentado e possuiu tantas repercussões como *O Exorcista*. Algumas produções cinematográficas recentes possibilitaram aos espectadores experiências parecidas, mas não tão memoráveis tampouco assustadores quanto o endiabrado filme aqui discutido.

Ao concluirmos, informamos aqui que, nosso projeto foi feito e de forma bem buscado e obtido o resultado final, deixando assim, um trabalho de campo extremamente importante para outros pesquisadores que possam usufruir do material e posteriormente esclarecer cada vez fatos sobre o cinema mundial. O



ista foi apenas uma ponta do iceberg, e ao percebermos o quão importante ele foi e ainda é em fazer história no cinema e no mundo com os assistiram, poder influenciar uma leva de outros filmes e outros assuntos relevantes que é a sua recepção como produção cinematográfica. Árduo eificante, foi explanado aqui neste presente trabalho a recepção de filme, marketing e o poder de transformar uma sociedade, em pensar, sentir e o mais importante, crer no impossível. E você, acredita?

## REFERÊNCIAS

- ALHO, Cabral Severino. **A Cidade revelada: Campina grande em imagens: História**/Severino Cabral Filho. Campina Grande, UFCG, 2009.
- JUNES, Paulo Emílio Sales. **O cinema no século**. São Paulo : Companhia de Letras, 2015.
- MASCARELLO, Fernando. **História do cinema mundial**. Campinas, SP: Annus, 2012.
- MONTANA, Gelson. **Cinema, comunicação e audio-visual**. – São Paulo: Annua, 2007.

## PERIÓDICOS

- Diário da Borborema, 09 de maio de 1975
- Diário de Pernambuco, 18 de abril de 1974
- Diário de Pernambuco, 29 de junho de 1974
- Diário de Pernambuco, 02 de agosto de 1974
- Diário de Pernambuco, 07 de agosto de 1974
- Diário de Pernambuco, 08 de dezembro de 1974
- Diário de Pernambuco, 19 de dezembro de 1974
- Folha de São Paulo, 11 de novembro de 1974

## VIDEO DOCUMENTÁRIO

- The Exorcist | Audience Reactions, 1973, 3:39, The Exorcist Online
- Cultural Impact of The Exorcist 1974, 1974, 20:36, historycomestolife

## RECURSOS CONSULTADOS

- [www.diariodolitoral.com.br/videos/classico-do-terror-o-exorcista-completa-episodios/51/p/8/](http://www.diariodolitoral.com.br/videos/classico-do-terror-o-exorcista-completa-episodios/51/p/8/)



[https://pt.wikipedia.org/wiki/Warner\\_Bros.](https://pt.wikipedia.org/wiki/Warner_Bros.)

<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2013/12/1388364-o-exorcista-marco-horror-faz-40-anos.shtml>

<http://acervo.folha.uol.com.br/>

<http://bdigital.bn.br/acervo-digital/diario-pernambuco/029033>

## ENTREVISTAS

Adilson de Lima do Nascimento – Data: 17 de Março de 2017 – Duração: 1h00m

Guilherme Ferreira Albuquerque – Data: 09 de Maio de 2017 – Duração: 30min

José Rômulo Azevedo – Data: 28 de Abril de 2017 – Duração: 35min

NEXOS



Existe uma marca  
que se mantém atual,  
apesar da emancipação  
feminina, da revolução sexual,  
do raio laser, do skylab,  
da máxi, midi, mini, da pílula  
do homem e da mulher,  
do exorcista e até mesmo  
de todas as outras modas.

Propaganda da Volkswagen (uma sátira ao Exorcista)



FOLHA DE S. PAULO



## Um novo **exorcista**, no MAD

Como uma encarnação de um personagem da literatura universal, que passou de 4 para 500 milhões de leitores, a obra de um escritor brasileiro tornou-se um best-seller. O livro "O Exorcista" de John D. MacDonald, publicado pela editora Mad, é, portanto, uma obra que não pode deixar de ser lida por quem quiser conhecer a obra de um dos maiores escritores da literatura americana. O livro, que já foi traduzido para o português, é agora publicado em português pela editora Mad.

MacDonald, que nasceu em 1916, em St. Petersburg, Flórida, é um dos maiores escritores da literatura americana. Seu primeiro livro, "The Executioner's Song", publicado em 1947, foi um sucesso. Desde então, ele escreveu mais de 30 livros, incluindo romances, contos e ensaios. Seu trabalho é conhecido por sua clareza, sua habilidade de criar personagens e sua capacidade de contar histórias de uma maneira envolvente.

MacDonald, que nasceu em 1916, em St. Petersburg, Flórida, é um dos maiores escritores da literatura americana. Seu primeiro livro, "The Executioner's Song", publicado em 1947, foi um sucesso. Desde então, ele escreveu mais de 30 livros, incluindo romances, contos e ensaios. Seu trabalho é conhecido por sua clareza, sua habilidade de criar personagens e sua capacidade de contar histórias de uma maneira envolvente.

Na introdução, o autor escreve: "Este livro é dedicado a todos aqueles que, como eu, acreditam na existência do mal. É uma obra de ficção, mas também é uma obra de realidade. É uma obra que trata de um tema que é tão antigo quanto o mundo, mas que é tão atual quanto hoje."

MacDonald

MacDonald, que nasceu em 1916, em St. Petersburg, Flórida, é um dos maiores escritores da literatura americana. Seu primeiro livro, "The Executioner's Song", publicado em 1947, foi um sucesso. Desde então, ele escreveu mais de 30 livros, incluindo romances, contos e ensaios. Seu trabalho é conhecido por sua clareza, sua habilidade de criar personagens e sua capacidade de contar histórias de uma maneira envolvente.

Tirinha do Jornal Folha de São Paulo, satirizando o fenômeno O Exorcista, com uma brincadeira, envolvendo a empresa Avon.





Pesquisa no UB, Biblioteca da Universidade Estadual da Paraíba



Pesquisa no UB, Biblioteca da Universidade Estadual da Paraíba